

LANARO, João. A verdade de uma canção. Correio Popular,
Campinas, 01 de jun. de 1974.

A VERDADE DE UMA CANÇÃO

João LANARO

Correio Popular 74

Quem transitar pela Barão ru-
mo ao velho largo do Pará, por cer-
to notará o desaparecimento de
mais uma casa comercial já com
certa tradição. Apesar da sua na-
tureza, vinha ela no entanto, resis-
tindo às novas e modernas concep-
ções hoje existentes no genero.

Falo de «A Seleta» que por
muito tempo permaneceu nas mãos
dos D'Agostini, depois, nas de Ar-
mando Limoli e ultimamente de
propriedade de um dos Guernelli —
o Pacheco, tal como é tratado cari-
nhosamente e largamente conheci-
do.

É claro que o fato nada re-
presenta para a nova geração, o
que, entretanto, não acontece com
a minha que de longa data acom-
panha a existência desses estabele-
cimentos. A descida de suas portas
de aço, p'ra sempre, é co - se per-
desse algo, porque a sua paralisação
emudece um trecho das muitas fa-
cetas que eles oferecem à história
da cidade, em torno dos quais vão
também surgindo muitas estórias.

Com o desaparecimento de ca-
sas tal como «A Seleta» — agora —
e antes tal como o Cris - tofani, o
Eden Bar (o primitivo), o Bar Tu-
pi, o «Pé de Porco», a Sorveteria
Sonia, o Bar Ideal. A Mascote e o
não menos saudoso Café Alfredo,
cortam-se velhos hábitos e criam-
se outros de acordo com os atropel-
os da Campinas de hoje.

Integrados nos costumes da
gente campineira, por certo que se
constituam em pontos de reuniões
para o aperitivo, para as refeições
ou mesmo para o simples bate-pa-
po.

Conhecidos, até mesmo fora
das lindes municipalistas, muitos
serviram como pontos de referên-
cias para negócios, além daquilo
que eles poderiam oferecer à fre-
guesia e principalmente aos «habi-
tués» já familiarizados com os gar-
çons que saibam o nome de cada um
e o negócio de que se ocupavam.
Por isto, era comum ouvir-se:

— «Vitório, se Fulano apare-
cer, diga-lhe que já estive por aqui e
que voltarei daqui um pouco». Ou
então:

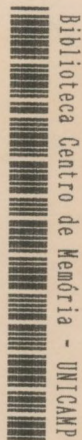
—«Olha, espero, você, às 14
horas, no Café Alfredo, depois de
amanhã».

Assim era a «Seleta» ultima-
mente: além das especialidades que
lotavam suas prateleiras e balcões-
frigoríficos que desde há muito a
faziam u'a mercearia de primeira
ordem, era ela igualmente um
marco, um ponto de referência para
encontros e bate-papo.

Coincidentemente, Cláudia Bar-
roso, cuja voz eu gosto, vinda de um
rádio ou tevê não muito distante,
canta uma linda canção. Em meio
a outros versos, distingue, perfeita-
mente, este pequeno, mas verdadei-
ro trecho:

«É bem verdade / nesta vi-
da / tudo passa.»

CMUHE013678



Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP